



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FEMINISMO: UMA MINORIA ATIVA EM COMBATE ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Marcella Martins do Nascimento

Universidade Federal da Paraíba – marcellamn@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa propõe um diálogo entre a Teoria das Representações Sociais e a Teoria das Minorias Ativas, ambas de Serge Moscovici, apresentando o movimento feminista em sua insurgência contra a realidade fabricada pelos ditames patriarcais. A glosa desse estudo questiona a legitimidade das representações sociais tais como estão postas e reclama o poder de influência das minorias ativas. Para tanto, credita-se importância à produção cognitiva e à comunicação pela manipulação da verdade social. E, por outro lado, confia-se poder de mudança aos grupos desviantes, que superam os comandos hierárquicos.
Representações sociais, Minorias ativas, Feminismo.

1. Introdução

À propósito do programa de iniciação científica sobre as políticas da representação de gênero e sexualidade, desenvolvido no seio da Universidade Federal da Paraíba junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), avultou-se uma linha de pesquisa atenta à comunicação entre a representação social e os movimentos feministas.

Situado no universo consensual, que opõe-se a reificação criticada por Serge Moscovici (em cuja literatura baseia-se esse estudo), as representações sociais compõem um saber prático partilhado em consenso pela sociedade. A partir disso, problematiza-se quem teria a prerrogativa e a legitimidade de representar. A questão foi sintetizada por Denise Jodelet



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(2002) nas seguintes interrogações: “Quem sabe e de onde sabe? — O que e como sabe? — Sobre o que sabe e com que efeito?”.

O conteúdo imperativo das representações sociais, ao manipular a realidade, torna os objetos e as pessoas representadas inacessíveis. Enxerga-se, antes, a alegoria objetivada¹ pelos discursos dominantes e sedimentada pelo processo cíclico da ancoragem², mesmo no contexto atual de produção acelerada de informação.

Diante desta verdade fabricada, seguindo a produção quase solitária de Serge Moscovici, conclama-se o poder subversivo das minorias ativas; especificamente para essa pesquisa, a irresignação do feminismo, cujas teorias, sintomaticamente, apresentam pontos de convergência histórica, conceitual e epistemológica com a teoria das representações sociais.

No jogo de influências sociais, os desviantes, em seus papéis não hegemônicos, desagradam porque confundem os marcos referenciais que balizam o conhecimento consensual. A despeito dos olhares subjulgadores, confere-se às minorias ativas força para combater o controle e a conformidade, ao assumir que a cognição da realidade é um processo recíproco, no qual todos são potenciais formadores de opinião.

Neste trabalho, interpreta-se o feminismo destorcido como representação social, mediam-se as relações linguísticas que o sustentam e projetam-se as transformações enquanto minoria ativa.

2. Metodologia

A tarefa aqui empreendida se apoia na semiologia, a medida em que desenvolve um estudo das representações sociais enquanto signos que compõe a realidade consensual da sociedade contemporânea. Para tanto, coteja-se, em uma revisão bibliográfica, a psicologia social sociológica de Serge Moscovici e as manifestações feministas, em sentido aberto. A análise é, em suma, teórica. Neste ínterim, exige-se apurado senso interpretativo no intuito de atar os recortes científicos que ora se interseccionam.

¹ Nos termos de Moscovici (2003, p. 71e 72), objetivar é materializar uma abstração, é reproduzir um conceito em uma imagem.

² Ancorar, por Moscovici (2003, p. 60 e 61), é reduzir ideias não familiares a categorias e imagens comuns.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

3. Resultados e discussão

Representação social pela psicologia social

“A realidade é, para pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade”
(Lewin, 1948, p. 57 apud Moscovici, 2003)

Edificado sob a psicologia social sociológica, o estatuto da representação social de Serge Moscovici introduziu uma concepção muito particular sobre a cognição e a reprodução da realidade tal como é conhecida pelas comunidades sociais. Afastada do paradigmático *behaviorismo*, a Teoria das Representações Sociais, em dinamicidade, atribuiu caráter ativo e criativo ao sujeito do conhecimento e enxergou as alegorias dentro do universo consensual, o qual legitima o discurso de qualquer pessoa do grupo, não apenas especialistas, por amparar-se numa consciência coletiva.

A psicologia social aborda a interação indivíduo-sociedade. No contexto das representações sociais, importa saber “como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos” (Arruda, 2002, p. 128).

Partindo do conceito de Durkheim de representações coletivas, Serge Moscovici elabora uma definição sociocêntrica do processo de produção coletiva da realidade, bem sintetizado por Jodelet (2002, p. 22): “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.”

Neste ínterim, faz-se patente o maniqueísmo simbólico que conduz as reações humanas ao incutir no inconsciente coletivo figuras convencionais. As respostas “superimpostas” focam naquilo que, dentro daquela percepção ensaiada, deve ser visto e considerado,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

olvidando a diversidade desviante, afinal “nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções” (Moscovici, 2003, p. 35).

Às representações sociais atribui-se a função de convencionar os modelos e as categorias que condicionarão o pensamento dos figurantes sociais e de prescrever, pela memória coletiva, o conteúdo anteriormente aceito dos painéis sociais. Em resumo, os signos são predicados como válidos, para então, através da tradição, habitar o ementário cognitivo do sujeito. Conclui-se que a finalidade da representação social é familiarizar de forma homogênea a compreensão dos fatos sociais.

Afinidades históricas e epistemológicas entre a teoria das representações sociais e as teorias feministas

Antes de verificar, a insurgência do feminismo contra os paradigmas representativos da sociedade, é mister verificar a coincidência científica, bem posicionada por Angela Arruda (2002), entre a teoria das representações sociais e as teorias feministas.

A estudiosa traz à tona três encontros entre as referidas teses: (1) no campo do saber, (2) na dimensão conceitual e (3) no âmbito epistemológico. No primeiro, acentua-se o favorecimento trazido pela transição paradigmática, que permitiu a investida de novas ferramentas científicas. Verifica-se, ademais, que, pelos predicados emergentes que carregam, as teorias em questão, lidas como minorias ativas, dissonam do ideal apregoado dentro de seus recortes de estudo. É imperioso pontuar, ainda, que ambas são construídas em diálogo com a realidade concreta, o que é resistido pela racionalidade científica, a qual propõe um distanciamento do objeto estudado.

No que toca à definição de objetos e métodos, que é o segundo ponto de semelhança, vê-se os temas simultaneamente como processo e produto num círculo metalinguístico. Além disso, é patente a abordagem de objetos subvalorizados pela doutrina.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Finalmente, observando os mecanismos de conhecimento utilizados pela Teoria das Representações Sociais e pelas Teorias Feministas em geral, pauta-se o repúdio ao binarismo e a valorização de elementos subjetivos, afetivos e culturais, valorando as propostas de teorias relacionais.

Teoria das Minorias Ativas

A influência social é exercida na transmissão cognitiva com o intuito de (re)criar a estimada homogeneidade na realidade percebida através das representações sociais pelos remetentes e remetidos. Dentro de uma perspectiva funcionalista, as pesquisas clássicas que investigaram a influência social encontraram respostas quase unânimes, inscritas em seis proposições enunciadas e posteriormente rebatidas por Moscovici (2011), quando do estudo das minorias ativas.

1ª Proposição: A influência social está desigualmente repartida e é exercida de modo unilateral. A assimetria é percebida na distribuição de poder entre o emissor do comando e o receptor. Em verdade, a decisão prestigiada pela maioria é elevada ao *status* de suprema verdade, enquanto a percepção da minoria é tida como erro ou desvio. Feita esta estratificação, “a fonte de influência não é jamais considerada como um alvo potencial, nem o alvo de influência como uma fonte potencial” (Moscovici, 2011, p. 14). Destarte, verifica-se o dipolo ativo-passivo, em que fica consignado o conformismo das camadas submissas.

2ª Proposição: A influência tem a função de estruturar o controle social. Uma sociedade coesa – com mínimo de divergência – é bem mais propícia a atuação normativa do grupo controlador.

3ª Proposição: As relações de dependência determinam a relevância social de um grupo e seu poder de influenciar. Esta ilação significa que os grupos situados numa posição hierárquica inferior na lógica da dominação são submetidos a uma influência maior do que aqueles que possuem condição elevada. A dependência é medida pela necessidade de aprovação, a qual cresce em proporção direta com o conformismo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

4ª Proposição: Os processos de influência são orientados pela incerteza e pela necessidade de reduzi-la. Frente a estímulos complexos, o indivíduo ou grupo inseguro da escolha correta busca o apoio de um especialista, chamado de mediador de fato. Assim, quanto maior for a insegurança, maior será a disposição para sofrer influências.

5ª Proposição: O consenso objetivado no jogo de influência é conduzido pela norma de objetividade. Nesta discussão, divide-se a realidade em física e social, sendo a primeira revelada por um mundo exterior e a segunda adquirida pela verificação junto a sociedade, para então revelar que quando impossível o alcance da realidade objetiva, passa-se a última, como substituta. Observa-se aqui que a compulsão por respostas exatas e objetivas, leva o indivíduo a inscrever-se num grupo que lhe forneça a realidade convencional ou comunicativa.

6ª Proposição: O processo de influência é sempre considerado do prisma do conformismo. O modelo funcionalista elegeu a passividade como característica essencial da influência social, justificando que essa é preferível ao desvio e ao isolamento.

Em síntese, estas afirmativas fundamentam-se na ideia de que processo de influência apoia-se em uma prerrogativa unilateral negado às minorias.

A Teoria da Inovação Social, ao revés, revela o impacto que o grupo desviante pode causar, ao transpor, pela resistência, o controle social e a hierarquia de poder. Com isso, Moscovici traz sob o prisma genético um novo entendimento sobre a influência social, agora, qualificada como bilateral. Os postulados são confrontados assim:

1ª Proposição: Todos os membros do grupo são igualmente emissor e remetente potenciais. Isso significa que a interação social exige reciprocidade, pelo que nega-se o predicado unilateral ao fenômeno da influência social. Há que se reconhecer a bilateralidade do processo comunicativo/ cognitivo, que permite a metáfora extemporânea do terceiro postulado de Newton: ação e reação.

Em verdade, a absorção e a adesão às normas sociais é heterogênea, de modo que, se acentuado o descompromisso dos desviantes com o projeto normalizador, gera-se uma fissura interior capaz de promover mudanças.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A força do consenso, que intervém direta ou indiretamente depende do grau de unanimidade que suscita. A minoria, por mais fraca que seja sua força numérica ou por maior que seja sua dependência, pode sempre recusar esse consenso, e esse poder de recusa lhe confere uma força considerável. (Moscovici, 2011, p. 76)

2ª Proposição: A mudança social e o controle social constituem objetos de influência. Mesmo reconhecendo que essas forças orientem-se em oposição, há que se reconhecer que dentro de uma comunidade dominada pela mudança ou pelo controle social nem todos coadunam com o *status quo* ou com a itinerância da realidade.

3ª Proposição: A influência se processa por meio de conflitos. A lógica e a disposição das coisas e ideias garantem a manutenção da realidade tal como está posta. Destarte, quando há impulso no sentido da transformação, o conflito é incontornável. O desacordo concebido pelo novo provoca instabilidade intra e interpessoal.

4ª Proposição: O principal fator de êxito é o estilo de comportamento. Esta variável expressa retoricamente a opinião do grupo, oferecendo informações sobre o objeto e publicando o novo código comportamental.

5ª Proposição: O processo de influência é orientado pelas normas de objetividade, preferência e originalidade. A primeira revela o imperativo da exatidão objetiva que respalda as respostas comumente aceitas. A segunda a preponderância de gosto dentre certas possibilidades. A terceira elege as opiniões pelo grau de novidade que possuem.

6ª Proposição: A influência inclui além da conformidade, a normatização e a inovação. A conformidade representa uma comodidade mental, porque é fácil aceita-la. Mesmo assim a passividade parece bem vista diante da normatização dos conceitos pela sociedade. A normatização, por seu turno, prescreve justamente o compromisso de uniformidade, ao estabelecer os juízos aceitáveis. Todavia, a inovação representa uma parcela com potencial de influenciar, na medida em que desestabiliza as estruturas convencionais.

Feminismo – uma minoria ativa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Diante desta pesquisa sobre a difusão do conhecimento socialmente elaborado e das forças subversivas que o contrasta, sobressai-se o movimento feminista (*latu sensu*), cuja pauta genérica objetiva romper a lógica da dominação patriarcal. Conclui-se que este espaço de educação não-formal insta pelo abandono de representações sociais compartilhadas cotidianamente, a exemplo da tradição binária de gênero.

Ao feminismo confere-se o poder de romper com o ementário machista que ainda habita a consciência coletiva. A irrisignação dessa minoria ativa conflita com os ditames midiáticos, religiosos, educacionais, outorgados pelo poder social, criando uma fissura incômoda, porquanto a uniformidade seja superestimada.

A racionalização das identidades coletivas tem conteúdo político e prático, de forma que a própria representação elabora o personagem que pretende representar. Judith Butler (1997), compreendendo a função normativa das representações, afirmou que não existe mulher antes de sua formação discursiva.

A postura da mulher faz menção a um código “normalizador” que elimina por incompatibilidade os dessemelhantes. O que se vê é “[...] a normalização da conduta dos meninos e meninas, a produção dos saberes sobre sexualidade e os corpos, as táticas e as tecnologias que garantem o “governo” e o “auto-governo” dos sujeitos...” (Louro, 1997, p. 42).

O dirigismo social entra em conflito quando as vozes submissas insurgem, contra a assimetria do sistema de influência, reclamando sua existência. Neste ponto, não importa a fama negativa que um movimento social possa obter. Em verdade, quem pretende ser aprovado, deve sujeitar-se aos padrões referenciais do grupo, acreditando em sua irrelevância dentro do painel social. Contudo, a minoria que rompe a inércia do conformismo, deseja, antes, ser vista. “À custa de qualquer sacrifício, sua primeira preocupação é fazer-se visível, alcançar o pleno reconhecimento de sua existência aos olhos da maioria e na mente de quem representa a maioria” (Moscovici, 2011, p. 221).

A despeito da pluralidade de feminismos, a investigação revela uma contundente ritualização das ofensivas culturais contra as organizações políticas sexistas (JESUS, 2012),



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

verbi gratia, a Marcha das Vadias. Este estilo comportamental oferta uma panorama instrumental, no qual se caracteriza o objeto, e simbólico, em que se desenvolve a campanha da nova fonte emissora.

A inovação cognitiva é bastante agregadora porque une os dissonantes. A recusa a homogeneização censora pela construção de um espaço auto organizado e aberto a diversas racionalidades põe termo à increpação de Procusto. O anúncio é convidativo e a agenda promete mudanças nos paradigmas dominantes.

4. Conclusão

A realidade, prescrita em representações sociais que habitam o imaginário coletivo, é uma produção política e prática que conduz um jogo de interesses e influências. Todavia, a má absorção das regras fratura o entendimento consensual, forçando a simetria entre as vozes dissonantes e as dominantes.

O feminismo, minoria ativa, combate o controle sexista impregnado na sociedade como verdade absoluta. As históricas reivindicações pela visibilidade desse movimento atestam que o motim organizado promove transformações, sentidas em nível pessoal e coletivo.

Embora exista uma representação própria do feminismo, muitas vezes, malquista pela comunidade, este programa envolve a diversidade censurada pelo domínio machista, pautando um novo discurso inclusivo. A justiça de gênero testilha o poder regulatório e atribui poder de influência ao movimento.

5. Referências

ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadenos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 117, p.127-147, nov. 2002. Disponível em:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000300007>.
Acesso em: 03 mar. 2015.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1997.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Psicologia Social e Movimentos Sociais: uma revisão contextualizada. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.163-186, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/4897>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. Rio de Janeiro Eduerj, 2002.

LEWIN, Kurt. **Resolving Social Conflicts**. Nova Iorque: Harper & Row, 1948.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Psicologia das Minorias Ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011.